

WESTERDALE, Joel. **Nietzsche's aphoristic challenge**. Berlin/Boston: De Gruyter, 2013, 177 p.¹

Laura Elizia Haubert²

*A medida nos é estranha, confessemos a nós mesmos;
a comichão que sentimos é a do infinito, imensurado.*
Nietzsche, Além do bem e do mal, 224

O livro *Nietzsche's aphoristic challenge* de Joel Westerdale – professor da Smith College –, publicado em 2013 pela editora De Gruyter, compõe a série *Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung* 64 e examina o papel do aforismo nas obras de Nietzsche. Para isso, parte de uma análise da tradição aforística germânica, bem como das motivações e razões pelas quais o filósofo alemão optou por este gênero ao compor algumas de suas obras.

O autor constrói sua argumentação a partir da virada aforística de Nietzsche na obra *Humano, demasiado humano*. O que levou o filósofo a optar pelo estilo aforístico nesta obra em contraposição a seus livros anteriores? Em primeiro lugar, este livro assinala uma nova fase no pensamento de Nietzsche, um período marcado por um tom científico que substituiu seu anterior tom retórico; em segundo lugar, ele se contrapõe ao romantismo inspirado em Wagner que também esteve presente nas obras passadas³. Para Westerdale (2013, p.1), “[i]ts aphoristic structure can be seen as a formal challenge to the dominant mode of Systemphilosophie. In presenting his philosophy in aphorisms, Nietzsche refused to subject his own views to the formal constraints imposed by systematic discourse”.

A opção pelo aforismo parece ter sido, dessa forma, uma escolha consciente de Nietzsche, uma vez que, como escreveu em *Crepúsculo dos Ídolos*, “[d]esconfio de todos os sistemáticos e fujo do caminho deles” (CI Sentenças e setas 26). Mas, ao afastar-se deste caminho, o filósofo não está apenas impondo um desafio a Wagner ou ao *Systemphilosophie*, mas ao leitor. Conforme aponta Westerdale (2013, p.2), o aforismo instaura uma série de questões, como: “*what kind of text is this? What leads Nietzsche to write this way? How do these discrete statements fit together? How are they to be navigated? Does it matter where we start? What exactly are we supposed to do with such texts?*”

¹ Sem tradução no Brasil.

² Mestranda em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa das Origens da Filosofia Contemporânea. E-mail: eliziahaubert@gmail.com

³ Como observa o autor, parte das críticas realizadas por Nietzsche fazem eco a certas concepções de Goethe, dirigindo-se mais especificamente a Wagner do que propriamente aos românticos de Jena.

A fase iniciada por *Humano, demasiado humano* tem sido pouco explorada pelos estudiosos de Nietzsche, menos ainda o impacto de sua mudança para um estilo aforístico. É justamente visando suprimir esta lacuna que Westerdale realiza uma análise sobre o que é o aforismo, qual sua função, como interpretá-lo, e o que ele diz sobre a filosofia de Nietzsche. Para tanto, a obra foi dividida em quatro partes – com exceção da última, cada uma com dois capítulos –, que levam os seguintes títulos: 1. *Nietzsche and the German Aphoristic Tradition*; 2. *The Turn to the Aphorism*; 3. *Re-Reading the Aphorism*; e 4. *The Aphoristic Paradigm*.

A primeira parte da obra começa com o capítulo “*They’re aphorisms!*,” no qual o autor explora os meandros do aforismo de Nietzsche e o desafio que ele representa para os leitores, uma vez que o estilo do filósofo não parece “encaixar” no que foi geralmente chamado por tal gênero, sendo que ele próprio reconhecia a possibilidade dessa objeção – como mostra, por exemplo, um apontamento póstumo de 1880.⁴ Além disso, a própria escolha de Nietzsche pela escrita aforística chama atenção, pois, de acordo com Westerdale (2013, p.13), “[i]n the period 1860-1880, the aphorism was often seen as soporific manifestation of bourgeois mediocrity caught up in ideals of eternal truth and beauty that rendered not wit, but docile sophistication and blandness of thought”. O filósofo parecia estar ciente desta visão do senso comum sobre o aforismo, porém pretendia não apenas utilizá-la como contraponto aos longos tratados, como os de Hegel ou Kant, mas, como foi comum na tradição germânica, criar sua própria forma de estilo aforístico.

O termo aforismo, que pode ser rastreado até Hipócrates, vem da palavra grega ἀφορίσμός que é por sua vez uma derivação do verbo ἀφορίζεiv, que significa marcar limites ou definir. As definições do aforismo ou do que ele deve definir, no entanto, não estão claras, e a discussão permanece, já que, apesar da importância, foi ignorada por um considerável número de comentaristas. Para suprir mais esta lacuna, o autor se dedica, no restante do capítulo, a observar os aforismos de *Humano, demasiado humano* e a influência dos moralistas franceses, como La Rochefoucauld, e da tradição germânica, como Paul Rée e Georg Christoph Lichtenberg, este último figura de destaque na tradição aforística a quem Nietzsche leu e releu com entusiasmo. Aliás, segundo Westerdale (2013, p.28), “*Nietzsche revises Lichtenberg’s text; he polishes it and takes it in a different direction*”.

No segundo capítulo da primeira parte, “*Aphoristic Pluralism*”, o autor aborda as diferentes formas que o aforismo assumiu no corpo do texto nietzschiano, quais seus modos de classificação, sua relação com a própria diversidade da tradição germânica, além de explorar a

⁴ “*Es sind Aphorismen! Sind es Aphorismen? – mögen die welche mir daraus einen Vorwurf machen, ein wenig nachdenken und dann sich vor sich selber entschuldigen – ich brauche kein Wort für mich*” (FP 1880 7[192]).

indefinição do gênero aforístico e suas raízes inglesas nos escritos de Francis Bacon. O capítulo trata, então, dos seguintes itens, como forma de apresentar essa diversidade: *Maxims (Sentenzen, Sprüche)*; *Rhetorical Figures*; *Dull Maxims*; *Pseudo-definitions*; *Modified Commonplaces*; *Mini-Dialogues*; *Thought-Experiments*; e *Essayistic Aphorisms*.

No entender de Westedale, a abordagem de Nietzsche do discurso aforístico está em acordo com a tradição germânica que identifica uma suspensão da dúvida no texto sistemático, o que obscureceria as questões relacionadas à intenção e ao valor de verdade. “*To renounce systematization in favor of the perpetual pursuit of knowledge is an integral part of the German aphoristic tradition, and this skepticism vis-à-vis systematic discourse is manifested in the very genre itself*”, ressalta o autor (2013, p.53).

Na segunda parte da obra, “*The Turn to the Aphorism*”, no capítulo três, “*The Aphoristic Option*”, ele examina as posições assumidas por estudiosos do filósofo alemão – como Arthur C. Danto, Martin Heidegger, Walter Kaufmann, Jacques Derrida, Lou Salomé – em suas abordagens acerca da questão da leitura dos aforismos, que, por vezes, foram tomados como se fossem um desafio, ou um lapso a ser superado pelo leitor. Como reiterou Westerdale (2013, p.60), “*such a reproach is not limited to any particular side of analytic-continental or naturalist-postmodernist divide*”. A partir dos comentários do próprio Nietzsche acerca do aforismo, algo que perpassa a obra do filósofo, o autor busca indicar uma outra possibilidade de compreensão desse recurso estilístico. Nesse sentido, Westerdale aborda a relação entre a escrita aforística e a crítica nietzschiana à linguagem e à verdade, apontando para a possível relação entre a opção por tal gênero e a *Sprachkritik* presente em seu pensamento.

Um outro aspecto analisado por Westerdale (2013, p.77) em tal capítulo é a relação híbrida entre arte e filosofia que caracteriza o aforismo, afirmando sua função dentro do quadro do pensamento de Nietzsche, em que literatura e filosofia se misturam sem contradição. A forma como essa mescla se dá chama atenção, já que “*by turning to the aphorism when he turned to science, Nietzsche could thus be seen to follow in the footsteps of Francis Bacon, whose scientific priorities led him likewise to aphoristic writing*”. Para Westerdale (2013, p.82), embora Nietzsche não tenha sido o primeiro que, ao voltar-se para a ciência também se volta para o estilo aforístico, seus aforismos parecem desenvolver, assim como ocorre em Bacon, uma espécie de método próprio. Neste sentido, o autor observa o recurso a esse gênero é uma forma de apresentar os problemas de um modo não sistemático: “*who seeks to escape the prejudices of a pre-formed system of thought by addressing each problem individually; this he does through a constant reconfiguration of his aphoristic*”.

No quarto capítulo, “*An Anarchy of Atoms*”, Westerdale (2013) aborda a aparente falta de centralização, de orientação, de *τέλος*, com os quais os leitores de aforismos se deparam. Voltando-se aos textos de Nietzsche, o autor procura mostrar que, ao reunirmos uma série de aforismos de um livro ou ligados a um certo problema, é possível vermos com mais clareza a coerência interna de seu pensamento. Em seguida, visando mostrar que esse tipo de uso do estilo esteve presente antes de Nietzsche na tradição germânica, a qual ele revisita apresentando escritos de Lichtenberg, Marie von Ebnereschenbach, Schlegel e Goethe.

Na terceira parte da obra, “*Re-Reading the Aphorism*”, o autor revisita as obras tardias do filósofo. No quinto capítulo, “*An Art of Exegesis*”, ele se volta para as afirmações que Nietzsche desenvolveu na terceira parte da *Genealogia da Moral*, quando escreve: “Na terceira dissertação deste livro, ofereço um exemplo do que aqui denomino 'interpretação': a dissertação é precedida por um aforismo, do qual ela constitui o comentário” (GM Prefácio 8). Partindo dessa leitura, Westerdale examina o conceito de interpretação do filósofo. O resultado, segundo ele (2013, p.104), é que importa ao leitor ter em mente que apesar da análise que Nietzsche faz de seu aforismo, “[h]e does not describes his method explicitly, but rather provides an example, leaving it to the reader to chart its contours”. Como o método de interpretação nietzschiano não é completamente claro, ele foi lido de diferentes modos por seus comentadores. Westerdale revisita no capítulo alguns destes autores em análises comparativas do mesmo aforismo, entre eles Christopher Janaway, John T. Wilcox, Maudemarie Clark e Danto.⁵

No sexto capítulo, “*The Nietzsche function*”, o autor argumenta, a partir dos títulos dos capítulos de *Ecce Homo* e da famosa afirmação do filósofo “eu não sou homem, sou dinamite” (EH Por que sou um destino 1), sobre a necessidade de separar dois “Nietzsches”. Um primeiro histórico e real; um segundo personagem, que seria o que aparece nas obras e que é chave para interpretação dos conceitos e transformações de sua filosofia. A ênfase no personagem criado pelo filósofo ou no Nietzsche histórico é elemento comum entre seus estudiosos, uma vez que, como pontuou Westerdale (2013, p.138), “it offers a stabilizing response to the particular challenges of the aphorism collection”. A figura de Nietzsche serve, portanto, de guia dentro de seus livros, como notaram alguns comentadores, como Michel Foucault, Sarah Kofman e Derrida.

Na quarta e última parte da obra, “*The aphoristic paradigm*”, o autor analisa a questão do excesso nos livros de Nietzsche e como ela se relaciona com o personagem Nietzsche, que fora

⁵ Para Janaway e Wilcox, por exemplo, o aforismo aparece como uma versão condensada da interpretação de Nietzsche, do que poderia ser visto como um pequeno tratado a ser destilado, sobretudo no que diz respeito a GM. Clark se aproxima em muitos pontos da análise de Janaway, embora Westerdale enfatize também diferenças relevantes entre ambos. Já Danto reitera que os aforismos do terceiro tratado da GM, assim como quaisquer outros livros de aforismo do autor, podem ser lidos em qualquer ordem sem grandes dificuldades.

exposto no capítulo anterior. Além disso, o autor avança para a compreensão do conceito de *ephexis*, que parece central para a interpretação do pensamento de Nietzsche. Assim, no capítulo sete, “*Excess and Ephemeral*”, o autor desenreda a importância do excesso e sua relação intrínseca com o aforismo e com o próprio modo de filosofar do pensador alemão. Isto porque, como esclarece Westerdale (2013, p.143), “[t]his dynamic of transgression through superabundance operates as a mode of criticism throughout Nietzsche's career”. O caráter excessivo está presente desde sua fase inicial, em sua contraposição do dionisíaco e do apolíneo⁶, até seus ataques ao cristianismo na fase final. O autor retoma, ainda, o estudo de Alexander Nehamas a respeito da hipérbole de Nietzsche e como ela se assemelha e se diferencia da ironia socrática como método filosófico.

Ainda no mesmo capítulo, Westerdale, recorda os apontamentos de Nietzsche (cf. GM II 12) sobre a essência da interpretação e como a *ephexis* se relaciona a esta essência, caracterizada por violência, ajustes, abreviações, omissões, imaginações e falseamentos. Essa *ephexis*, segundo Westerdale (2013, p.158), “*referring to a stance that holds back, reserves judgment, waits, and doubt*”, requer uma infinita paciência na hora de interpretar, de modo que nos coloca em uma relação com a filosofia que se aproxima do ato de ruminação. O reconhecimento da importância da *ephexis* para a compreensão de seu pensamento e da emergência da figura de um Nietzsche como elo que une as diferentes obras, no entender de Westerdale (2013, p.160), situam o leitor frente a um paradoxo. Por um lado, o filósofo aponta para um tipo de sistema, de unidade em sua filosofia, enquanto, por outro, ela ainda parece contingente, desunida e interpretativa. Assim, ele observa que, em Nietzsche, “*the tendency to establish boundaries, discernible identities, and order is coupled with the drive to transgress those boundaries, to dissolve those identities, and to subvert that order*”.

Por fim, a obra de Westerdale fornece um bom panorama do desafio que o aforismo coloca tanto ao seu leitor, quanto ao seu autor. Além disso, Westerdale oferece uma visão geral a respeito de como comentadores consagrados do filósofo interpretaram este gênero e seus meandros. Em suma, a obra é concisa e se apresenta como uma leitura enriquecedora para aqueles que buscam melhor compreender não apenas o aforismo, mas o método de filosofar de Nietzsche.

⁶ Sobre a presença do excesso na tematização do dionisíaco e do apolíneo, ele escreve (2013, p.143): “*The Dionysian is relegated to a position outside the theoretical man's reckoning; it becomes the excess for which the theoretical man cannot account, for with the excision of the Dionysian element from tragedy, tragedy ceases to be tragic, ushering in its demise. Through its exclusion, the Dionysian draws attention to the limitations of the Socratic world view. As when opposed to the Apollinian, the Dionysian here represents a conceptual excess that ruptures the closure to which the Socratic aspires, and in so doing, exposes the mendacity of its pretensions*”.